



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
CAMPUS PEDREIRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

ANDRESSA PAZ DOS SANTOS

**AMOR OU POSSE? A DOMINAÇÃO MASCULINA EM “IRACEMA”, DE JOSÉ DE
ALENCAR**

Pedreiras

2025

ANDRESSA PAZ DOS SANTOS

**AMOR OU POSSE? A DOMINACAO MASCULINA EM “IRACEMA” DE JOSÉ DE
ALENCAR**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Letras da
Universidade Estadual do Maranhão para
o Grau de licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Me. Francinaldo Pereira.

Pedreiras
2025

Santos, Andressa Paz dos.

A dominação masculina em Iracema de José de Alencar/Andressa Paz dos Santos. -Pedreiras- MA,2026.

48f.

Monografia (Graduação em Licenciatura em Língua Portuguesa) Universidade Estadual do Maranhão, Campus Pedreiras, 2026.

Orientador: Prof. Me. Francinaldo Pereira da Silva.

1.Dominação Masculina.2.Romantismo.3.José de Alencar.4.Gênero.5. Patriarcado. I. Título.

CDU:81:7.035

Elaborado por Luciana Araújo - CRB 13/445


ANDRESSA PAZ DOS SANTOS

**AMOR OU POSSE? A DOMINACAO MASCULINA EM “IRACEMA” DE JOSÉ DE
ALENCAR**


Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Letras da
Universidade Estadual do Maranhão
para o Grau de licenciatura em Letras.

Aprovado em: 23 /12 /2025


BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **FRANCINALDO PEREIRA DA SILVA**
Data: 14/01/2026 17:07:20-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Francinaldo Pereira (Orientador)
Universidade Estadual do Maranhão

Documento assinado digitalmente
 **RUBENIL DA SILVA OLIVEIRA**
Data: 15/01/2026 09:46:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinador 01
Dr. Rubenil da Silva Oliveira
Universidade Estadual do Maranhão

Documento assinado digitalmente
 **RUTH JONIELLE CARVALHO NOVAIS DE SOUSA**
Data: 14/01/2026 10:01:34-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinador 02
Ruth Jonielle Carvalho Novais de Sousa
Universidade Estadual do Maranhão

Dedico este trabalho a Deus, fonte de sabedoria e força. À minha família, pelo amor, incentivo e apoio incondicional ao longo de toda minha trajetória.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de expressar minha profunda gratidão a Deus, fonte de sabedoria, força e coragem, que tem guiado meus passos ao longo desta jornada acadêmica. Sua presença constante me ofereceu conforto nos momentos de dúvida e inspiração nos momentos de desafio, tornando possível a perseverança necessária para a conclusão deste trabalho. Sem essa força espiritual, certamente os obstáculos encontrados ao longo do percurso teriam sido muito mais difíceis de superar.

Aos meus pais, devo um reconhecimento especial. À minha mãe, meu mais sincero agradecimento por sua dedicação, amor e exemplo de vida. Mesmo sem ter tido a oportunidade de estudar formalmente, ela sempre valorizou o conhecimento e incentivou meu aprendizado desde os primeiros anos de vida. Seu esforço, paciência e carinho foram fundamentais para que eu cultivasse o gosto pelo estudo e a determinação de buscar meus objetivos. Meu pai, igualmente, merece meu reconhecimento pelo apoio silencioso e constante, sempre acreditando em minhas capacidades e me encorajando a seguir adiante.

Ao meu esposo, Válber Leal, expresso meu agradecimento mais profundo. Seu incentivo, paciência e compreensão foram essenciais em todos os momentos desta jornada. Nos dias de cansaço e dificuldade, sua presença trouxe conforto e motivação para que eu não desistisse. Seu apoio constante permitiu que eu me dedicasse integralmente a este trabalho, e sua confiança em minhas habilidades foi um alicerce fundamental para a realização deste projeto.

Expresso também minha gratidão ao meu orientador, Prof. Me. Francinaldo Pereira, pela dedicação, paciência, apoio e contribuições valiosas na construção deste trabalho.

Agradeço ao Prof. Rubenil, pelo auxílio na elaboração do projeto e nas indicações de obras literárias.

Agradeço também aos meus professores, que compartilharam seus conhecimentos, orientações e experiências, contribuindo significativamente para meu crescimento acadêmico e pessoal. Cada ensinamento recebido, cada conselho oferecido e cada desafio proposto foram fundamentais para meu desenvolvimento e para a construção do conteúdo deste trabalho.

Não poderia deixar de agradecer aos colegas e amigos que estiveram comigo nesta trajetória. Suas palavras de incentivo, momentos de troca de ideias e companheirismo tornaram o percurso mais leve e agradável. O apoio mútuo e a convivência acadêmica foram essenciais para o fortalecimento da minha motivação e confiança.

Finalmente, agradeço a todos aqueles que, de alguma forma, colaboraram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho. Cada contribuição, por menor que possa parecer, teve um papel importante na conclusão desta etapa de minha formação. Este trabalho é fruto não apenas do meu esforço individual, mas também do apoio, do amor e da confiança de tantas pessoas que estiveram presentes ao longo desta jornada.

A todos, meu sincero e profundo agradecimento.

“Ser mulher é carregar o mundo nos ombros, mesmo quando ninguém vê.”

Clarice Lispector

RESUMO

Este trabalho analisa a obra *Iracema*, de José de Alencar, sob a perspectiva da dominação masculina, com o objetivo geral de compreender como o romance romântico brasileiro do século XIX contribui para a naturalização de relações desiguais de gênero. O problema que orienta a pesquisa consiste em investigar de que maneira a idealização da personagem *Iracema* reforça estereótipos femininos de submissão e legitima a hegemonia masculina representada por *Martim*. Fundamentado nos referenciais teóricos de Pierre Bourdieu (1999), Heleieth Saffioti (2004) e Jordana Fontana (2019), o estudo evidencia que, embora *Iracema* ocupe posição central na narrativa, sua representação está subordinada aos desejos e à autoridade masculina, refletindo uma lógica patriarcal e de dominação simbólica. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e bibliográfico, com análise interpretativa do texto literário. Os resultados indicam que a idealização romântica da personagem feminina atua como um mecanismo simbólico de controle, contribuindo para o apagamento da autonomia feminina e para a reprodução de hierarquias de gênero. Conclui-se que a literatura romântica, ao mesmo tempo em que constrói a identidade nacional, também funciona como instrumento de legitimação de normas patriarcais, evidenciando a importância de uma leitura crítica das obras clássicas.

Palavras-chave: *Iracema*. Dominação masculina. Romantismo. José de Alencar. Gênero. Patriarcado.

ABSTRAT

This study analyzes *Iracema*, by José de Alencar, from the perspective of male domination, with the general objective of understanding how the Brazilian Romantic novel of the nineteenth century contributes to the naturalization of unequal gender relations. The research problem consists of investigating how the idealization of the character *Iracema* reinforces feminine stereotypes of submission and legitimizes the male hegemony represented by *Martim*. Grounded in the theoretical frameworks of Pierre Bourdieu (1999), Heleieth Saffioti (2004), and Jordana Fontana (2019), the study demonstrates that, although *Iracema* occupies a central position in the narrative, her representation is subordinated to male desires and authority, reflecting a patriarchal logic of symbolic domination. Methodologically, this is a qualitative, exploratory, and bibliographic study, based on an interpretative analysis of the literary text. The results indicate that the romantic idealization of the female character operates as a symbolic mechanism of control, contributing to the erasure of female autonomy and to the reproduction of gender hierarchies. It is concluded that Romantic literature, while constructing national identity, also functions as an instrument for legitimizing patriarchal norms, highlighting the importance of a critical reading of classical works.

Keywords: *Iracema*. Male domination. Romanticism. José de Alencar. Gender. Patriarchy.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 DOMINAÇÃO, PODER E PATRIARCADO A LUZ DAS TEORIAS FEMINISTAS.	17
2.1 A dominação masculina segundo Pierre Bourdieu.....	18
2.1.1 Hábitos e reprodução social do patriarcado.....	19
2.1.2 Violência simbólica e naturalização das desigualdades.....	20
2.1 O poder do macho segundo Heleieth Saffioti	21
2.2.1 O patriarcado sob a perspectiva marxista.....	23
2.2.2 Relações de gênero e exploração.....	24
2.3 A dominação masculina à luz da cultura skinneriana em Jornada Fontana	
2.3.1 A noção de cultura em B. F. Skinner	26
3. ROMANTISMO E ROMANTIZAÇÃO NA LITERATURA BRASILEIRA	30
3.1 Idealização da mulher.....	31
3.2 José de Alencar e sua obra Iracema.....	34
3.3 Fortuna Crítica da Obra	35
3.4 AMOR OU POSSE? A DOMINACAO MASCULINA EM IRACEMA.....	38
3.5 Marcas da dominação masculina em Iracema	40
3.6 Representações de amor e posse na narrativa em Iracema.....	42
3.7 Manipulação e abuso no personagem Martins... ..	44
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS	50

1 INTRODUÇÃO

A obra **Iracema** (1865), de José de Alencar, inserida no contexto do Romantismo brasileiro, é influenciada pelo ideal indianista, oferecendo não apenas uma narrativa mítica sobre as origens do povo brasileiro, mas também revelando características de poder marcadas por relações desiguais entre os gêneros. O vínculo amoroso entre Iracema, a personagem indígena, e Martim, o colonizador europeu, está imerso em uma estrutura narrativa que reforça a dominação masculina, expressa por meio da subordinação emocional, simbólica e cultural da figura feminina. Nesse contexto, o amor deixa de ser um sentimento puramente idealizado e passa a operar como instrumento de colonização. A entrega de Iracema a Martim representa tanto a submissão da mulher ao homem quanto a assimilação forçada de uma cultura à outra. Na relação amorosa em **Iracema** de José de Alencar, evidencia-se mecanismos de dominação masculina que contribuem para a construção de uma identidade nacional alicerçada na renúncia e no apagamento da subjetividade feminina.

A literatura romântica brasileira, marcada pela exaltação nacionalista e pela idealização do amor, também se constitui como um espaço simbólico onde se reproduzem e se consolidam papéis sociais relacionados ao gênero. Nesse contexto, a obra **Iracema**, de José de Alencar, é um marco fundamental, tanto pela sua relevância na construção da identidade literária do Brasil quanto pela forma como representa as relações entre homens e mulheres.

A justificativa para esta investigação se sustenta na necessidade de olhar criticamente para as representações de gênero construídas pela literatura, entendendo que tais obras não apenas refletem, mas também contribuem para naturalizar desigualdades sociais. Ao analisar a submissão de Iracema diante da figura de Martim, observa-se como o discurso literário do século XIX reforça a hierarquia entre masculino e feminino, cujas marcas simbólicas ainda se fazem presentes na cultura brasileira contemporânea. Além disso, a pesquisa ganha relevância por articular diferentes perspectivas teóricas: a sociológica, representada por Pierre Bourdieu e Heleieth Saffioti, e a analítico-comportamental, a partir da noção skinneriana de cultura analisada por Jordana Fontana.

Neste estudo, exploramos a dominação masculina a partir do questionamento: de que maneira a obra “Iracema” de José de Alencar, representa e reforça a dominação masculina nas relações de gênero, evidenciando a submissão feminina no contexto da literatura romântica brasileira?

O presente estudo tem como tema a análise da dominação masculina na obra Iracema, buscando compreender como a narrativa reforça ideais de submissão feminina no interior do Romantismo brasileiro. A partir disso, formula-se o seguinte problema de pesquisa: de que maneira a obra Iracema, de José de Alencar, representa e reforça a dominação masculina nas relações de gênero, evidenciando a submissão feminina no contexto da literatura romântica brasileira?

A justificativa para esta investigação se sustenta na necessidade de olhar criticamente para as representações de gênero construídas pela literatura, entendendo que tais obras não apenas refletem, mas também contribuem para naturalizar desigualdades sociais. Ao analisar a submissão de Iracema diante da figura de Martim, observa-se como o discurso literário do século XIX reforça a hierarquia entre masculino e feminino, cujas marcas simbólicas ainda se fazem presentes na cultura brasileira contemporânea. Além disso, a pesquisa ganha relevância por articular diferentes perspectivas teóricas: a sociológica, representada por Pierre Bourdieu e Heleieth Saffioti, e a analítico-comportamental, a partir da noção skinneriana de cultura analisada por Jordana Fontana.

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar os procedimentos da dominação masculina presentes na obra Iracema, de José de Alencar, evidenciando de que maneira a narrativa contribui para a manutenção de relações assimétricas de gênero. Nesse sentido, pretende-se identificar as marcas da dominação masculina representadas no texto literário; discutir as noções de amor e posse, compreendendo-as como mecanismos de construção da submissão feminina; verificar as características que configuram o personagem masculino como abusivo e manipulador na relação estabelecida entre Martim e Iracema; bem como estabelecer uma relação entre a representação da dominação masculina na obra e as reflexões teóricas de Bourdieu, Saffioti e Jordana Fontana, à luz da noção skinneriana de cultura.

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, fundamentada em pesquisa bibliográfica e documental. O corpus consiste na obra

Iracema (1865), de José de Alencar, cuja escolha se justifica por sua relevância histórica e literária no Romantismo brasileiro e por evidenciar relações assimétricas de gênero, submissão feminina e dominação masculina. A fundamentação teórica baseia-se em autores como Pierre Bourdieu, com *A Dominação Masculina* (1999), Heleieth Saffioti, com *O Poder do Macho* (2004), e Jordana Fontana, em diálogo com a *Noção Skinneriana de Cultura* (2019). O procedimento metodológico inclui o fichamento e análise crítica tanto da obra literária quanto das produções teóricas selecionadas, possibilitando compreender os significados simbólicos e sociais da narrativa, bem como as estruturas patriarcais nela representadas.

A obra **Iracema**, de José de Alencar, é considerada um marco do Romantismo brasileiro e da construção do mito de origem da nação. Entretanto, sua narrativa evidencia e reforça a dominação masculina e colonial, ao colocar a personagem indígena em uma posição de submissão, idealização e sacrifício em nome do homem branco colonizador.

Iracema é apresentada como um símbolo de pureza, obediência e entrega absoluta a Martim, o guerreiro português que representa a civilização, o poder e a dominação europeia. Suas vontades e desejos são anulados ou subordinados ao herói masculino, de modo que sua existência se resume a agradar, proteger e se sacrificar. Mesmo quando enfrenta dilemas e sofrimentos, sua submissão é retratada como uma virtude romântica, expressão da forma como as mulheres foram idealizadas na literatura do período.

Além disso, o romance reforça um imaginário patriarcal ao naturalizar a união entre colonizador e indígena, legitimando a imposição dos valores europeus sobre os povos nativos. Nesse contexto, Iracema simboliza a terra a ser conquistada, domesticada e explorada pelo homem branco, o que configura uma dupla dominação: de gênero e de etnia.

A reflexão proposta neste trabalho fundamenta-se em referenciais teóricos como *A Dominação Masculina*, de Pierre Bourdieu, e *O Poder do Macho*, de Heleieth Saffioti, que permitem problematizar a forma como o romance de José de Alencar dialoga com estruturas de poder patriarcais e coloniais.

No cenário atual, em que os debates sobre relacionamentos abusivos se tornam cada vez mais relevantes, analisar Iracema sob essa ótica contribui para

compreender como certos padrões de violência simbólica e de desigualdade de gênero foram naturalizados e perpetuados pela literatura.

A escolha de investigar a temática da dominação masculina e dos vínculos amorosos na obra *Iracema*, de José de Alencar, justifica-se pela relevância de compreender como as relações afetivas, construídas sob a ótica romântica e idealizadora do século XIX, também operam como dispositivos de poder e submissão. Ao retratar o envolvimento entre Iracema e Martim, Alencar não apenas compõe uma alegoria da formação do povo brasileiro, mas também reproduz uma estrutura patriarcal em que a figura feminina é romantizada e, ao mesmo tempo, silenciada e subjugada. A análise dessas relações permite refletir criticamente sobre como o discurso amoroso é mobilizado para reforçar desigualdades de gênero, apagando a autonomia da mulher e naturalizando sua entrega ao domínio masculino.

O Capítulo 1 corresponde ao referencial teórico e discute a dominação masculina à luz das teorias feministas. Na perspectiva de Pierre Bourdieu, analisa-se como os hábitos e a reprodução social do patriarcado, aliados à violência simbólica, contribuem para a naturalização das desigualdades. Em seguida, com base em Heleieth Saffioti, examino o poder do macho sob a ótica marxista, compreendendo as relações de gênero como formas de exploração. Por fim, trago as reflexões de Jordana Fontana, que relaciona a dominação masculina à noção de cultura em B. F. Skinner, evidenciando como as desigualdades são reproduzidas por contingências de reforço. O capítulo se encerra com uma síntese das contribuições teóricas.

No capítulo 1 denominado para a introdução, são explicitados a problemática da pesquisa, os objetivos geral e específicos, bem como a metodologia adotada, destacando os procedimentos teóricos e analíticos utilizados para o desenvolvimento do estudo, além da relevância da pesquisa no campo dos estudos literários. O capítulo 2 aborda o Romantismo na literatura brasileira, com destaque para a idealização da mulher no período e sua representação literária como figura submissa e idealizada. Também apresento José de Alencar e a obra *Iracema*, ressaltando sua importância para a construção do mito de origem da nação. Além disso, trago uma fortuna crítica da obra, reunindo interpretações que contribuem para o aprofundamento da análise

Por fim, no item 5, são apresentadas as Considerações Finais, nas quais retoma-se o percurso analítico desenvolvido ao longo do trabalho, destacando os principais resultados alcançados, a importância da pesquisa e a resolução da problemática proposta, especialmente no que se refere às relações de poder, dominação e à representação feminina na obra *Iracema*.

O Capítulo 3 consiste na análise prática, intitulada *Amor ou posse? A dominação masculina em Iracema*. Nele, identifico as marcas da dominação masculina presentes na narrativa, discuto a representação do amor associada à posse e evidencio a manipulação e o abuso expressos na relação entre Martim e Iracema, demonstrando como a literatura romântica reforça a naturalização das desigualdades de gênero.

2 DOMINAÇÃO, PODER E PATRIARCADO À LUZ DAS TEORIAS FEMINISTAS

O estudo da dominação masculina exige a compreensão de como as estruturas sociais, históricas e culturais moldam e perpetuam desigualdades entre homens e mulheres. A literatura, enquanto manifestação simbólica, constitui um espaço privilegiado para observar tais processos, pois reproduz e legitima concepções de gênero que atravessam diferentes épocas. Neste capítulo, apresentam-se as contribuições de Pierre Bourdieu (1999), Heleieth Saffioti (2004) e Jordana Fontana (2019), que, a partir de diferentes perspectivas teóricas, oferecem instrumentos de análise fundamentais para a compreensão da dominação masculina na obra *Iracema*, de José de Alencar.

Pierre Bourdieu (1999), em *A Dominação Masculina*, argumenta que a desigualdade entre os sexos não se sustenta apenas por meio de mecanismos econômicos e políticos, mas, sobretudo, pela naturalização simbólica dessas diferenças. Segundo ele:

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se funda (Bourdieu, 1999, p. 18).

Esse processo de invisibilização torna a dominação masculina um mecanismo estrutural, inscrito nos corpos e nas práticas cotidianas, legitimado pelas instituições sociais e culturais, incluindo a literatura. Na perspectiva marxista e feminista de Heleieth Saffioti (2004), a dominação masculina está intrinsecamente relacionada à estrutura do patriarcado, que atua em conjunto com o capitalismo na exploração das mulheres. Para a autora:

O patriarcado é um sistema de relações sociais sexuais que tem uma base material, e, como tal, pode ser transformado. Trata-se de um sistema que se apoia na exploração das mulheres pelos homens, mas que se reproduz por meio de práticas sociais e culturais, naturalizando a desigualdade (Saffioti, 2004, p. 54).

Assim, a análise da condição feminina não pode ser dissociada das estruturas de poder que atravessam tanto as relações sociais quanto as representações literárias, uma vez que a literatura, como construção cultural, reforça e perpetua valores patriarcais.

Já para Jordana Fontana (2019), em seus estudos sobre gênero e violência simbólica, destaca-se que a dominação masculina se manifesta não apenas de maneira explícita, mas também em formas sutis de opressão. Ela observa que:

A violência simbólica opera de maneira silenciosa e quase invisível, pois faz com que as mulheres, muitas vezes, aceitem e incorporem como naturais práticas que as subordinam. Essa aceitação não se dá pela ausência de consciência, mas pelo peso das estruturas que moldam as subjetividades (Fontana, 2019, p. 73).

Dessa forma, ao analisar Iracema, torna-se necessário compreender como os discursos literários se articulam com esses mecanismos de dominação, reforçando ou questionando as estruturas patriarcais de sua época.

2.1 A dominação masculina segundo Pierre Bourdieu

Pierre Bourdieu, em sua obra *A Dominação Masculina* (1999), oferece uma das mais consistentes análises sociológicas sobre a permanência da desigualdade entre os sexos. Para o autor, a força da dominação masculina não reside apenas em mecanismos institucionais explícitos, mas na forma como esses mecanismos são naturalizados e aceitos socialmente, sem necessidade de justificativas. Segundo o autor, o poder masculino não se mantém apenas pela coerção, mas por um processo de incorporação de esquemas simbólicos que moldam o comportamento e as percepções de homens e mulheres, como afirma:

A ordem social masculina está tão profundamente enraizada nas coisas e nos corpos que se impõe a todos os agentes, homens e mulheres, como evidente e inquestionável. A divisão entre os sexos parece estar na 'ordem das coisas', inscrita em uma natureza biológica que é, na realidade, socialmente construída (Bourdieu, 1999, p. 17-18).

Essa visão revela a dimensão simbólica do patriarcado: a sociedade se organiza de modo a naturalizar as desigualdades, transformando construções sociais em evidências biológicas. Outro ponto central da teoria bourdieusiana é o conceito de violência simbólica, entendido como o mecanismo pelo qual os dominados participam da manutenção de sua própria submissão, acreditando ser legítimas as práticas que os oprimem. Nas palavras do autor:

A violência simbólica é essa forma de violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última análise, do sentimento (Bourdieu, 1999, p. 47).

Nesse sentido, Bourdieu demonstra como o patriarcado é perpetuado não apenas pelas instituições, mas, também, pela subjetividade dos indivíduos, que incorporam e reproduzem valores androcêntricos.

Ao relacionar esses conceitos à literatura, pode-se observar como narrativas, personagens e enredos reforçam essa naturalização. Obras como *Iracema*, de José de Alencar, ao construir ideais de feminilidade associados à pureza, submissão e sacrifício, atuam como instrumentos simbólicos que ratificam a dominação masculina e a ordem patriarcal vigente no século XIX.

2.1.1 Hábitos e reprodução social do patriarcado

A socióloga brasileira Heleieth Saffioti, em sua obra *Gênero, Patriarcado e Violência* (2004), apresenta uma análise crítica das relações de poder entre homens e mulheres a partir da intersecção entre patriarcado e capitalismo. Para a autora, o patriarcado não pode ser entendido como uma estrutura isolada, mas como um sistema de dominação que se articula com outras formas de exploração social.

Saffioti (2004) enfatiza que a dominação masculina se sustenta em uma base material e histórica, sendo constantemente atualizada pelas instituições sociais, culturais e econômicas. A autora afirma que:

O patriarcado, como sistema de dominação e exploração das mulheres, tem sua base material nas relações sociais de produção e reprodução. Trata-se de um sistema que, embora secular, não é imutável: ao contrário, transforma-se ao longo da história, adequando-se às novas formas de organização social (Saffioti, 2004, p. 33).

Essa perspectiva evidencia que o patriarcado não é apenas uma herança cultural, mas um mecanismo dinâmico que se reinventa para garantir a manutenção da desigualdade entre os sexos. Outro ponto crucial na obra de Saffioti é a ênfase na naturalização das desigualdades de gênero. A autora demonstra que a construção da feminilidade foi historicamente vinculada à ideia de fragilidade e submissão, o que legitima a posição de poder masculina. Segundo a autora:

A inferioridade feminina, tida como natural, foi, na realidade, socialmente construída. Essa construção serviu e serve de suporte para o exercício de poder e de violência dos homens sobre as mulheres, fazendo com que a exploração fosse aceita como parte da 'ordem natural' das coisas (Saffioti, 2004, p. 54).

No campo literário, essa leitura é fundamental para compreender como obras

canônicas, como *Iracema*, de José de Alencar, contribuíram para a consolidação de arquétipos femininos submissos. A personagem Iracema representa a mulher idealizada, cuja existência é marcada pela entrega e pelo sacrifício em prol do homem e de sua missão civilizatória. Assim, a literatura funciona como um instrumento de reprodução do patriarcado, legitimando e perpetuando papéis sociais desiguais.

2.1.2 Violência simbólica e naturalização das desigualdades

Um dos conceitos centrais elaborados por Pierre Bourdieu para explicar a permanência da dominação masculina é o de violência simbólica. Diferentemente da violência física, ela não se impõe de forma explícita ou coercitiva, mas opera de maneira silenciosa, sutil e, muitas vezes, invisível. Seu funcionamento se dá pela aceitação espontânea da ordem social estabelecida, como se fosse natural e inevitável. Segundo Bourdieu, a violência simbólica sustenta-se justamente na capacidade de dissimular sua arbitrariedade, fazendo com que tanto dominadores quanto dominados internalizem os papéis sociais de gênero como se fossem parte da natureza.

A violência simbólica é exercida com a cumplicidade tácita daqueles que a sofrem e também daqueles que a exercem, pois ambos são socialmente predispostos a reconhecê-la como legítima. Essa forma de dominação está inscrita nas estruturas cognitivas, nas formas de perceber e de pensar, e, portanto, nos corpos (Bourdieu, 1999, p. 51).

Dessa forma, a desigualdade entre homens e mulheres é perpetuada não apenas por meio de instituições políticas e econômicas, mas também por meio da cultura, da educação, da religião e da literatura, que contribuem para a naturalização da dominação masculina. Outro ponto ressaltado por Bourdieu é que a violência simbólica cria um efeito de consenso, produzindo a sensação de que as hierarquias de gênero são naturais e universais: Observa-se: “Ao fazer parecer natural o que é arbitrário, a violência simbólica elimina a necessidade de justificação, fazendo com que a dominação masculina se perpetue por si mesma, disfarçada em evidência biológica ou destino social” (Bourdieu, 1999, p. 57).

No contexto literário, essa naturalização aparece em obras que cristalizam papéis sociais femininos ligados à submissão, à maternidade, à pureza e ao sacrifício. Em *Iracema*, de José de Alencar, a personagem principal encarna o ideal de mulher indígena dócil e devotada, cuja identidade é quase inteiramente definida

pela relação com o herói colonizador. Esse tipo de representação simbólica reforça a ideia de que a mulher deve ocupar um lugar secundário, voltado ao serviço e à renúncia, legitimando assim a dominação masculina.

2.2 O poder do macho segundo Heleieth Saffioti

Heleieth Saffioti, em *O Poder do Macho* (2004), oferece uma análise crítica do patriarcado a partir da perspectiva marxista, compreendendo-o como um sistema de poder que se articula à exploração econômica e às estruturas sociais. Para a autora, “a dominação masculina está indissolivelmente articulada à exploração de classe” (Saffioti, 2004, p. 34).

Em sua obra *A Mulher na Sociedade de Classes*, Saffioti (2004) discute como o poder masculino se estrutura historicamente e se consolida por meio da exploração tanto de classe quanto de gênero. Para a autora, o patriarcado não é apenas um conjunto de relações familiares, mas um sistema que organiza a sociedade em benefício dos homens. Nesse sentido, ela afirma:

O poder do macho não se exerce apenas no interior da família, mas irradia-se por toda a sociedade, de modo a estruturar a própria organização social em bases patriarcais. A subordinação feminina, assim, não é um fato natural, mas o resultado histórico de um processo de dominação que alia exploração econômica e sujeição sexual. (Saffioti, 2004, p. 53).

Essa perspectiva evidencia que a dominação masculina não deve ser compreendida de forma isolada, mas sim articulada com as estruturas de produção e reprodução social. Saffioti sublinha que o patriarcado atua como um sistema de poder que se entrelaça ao capitalismo, reforçando a opressão feminina:

A opressão da mulher não pode ser reduzida a um simples reflexo da estrutura de classes, nem tampouco compreendida fora dela. Trata-se de uma articulação complexa, em que a exploração econômica do trabalho feminino se soma ao controle ideológico e simbólico exercido pelos homens sobre as mulheres. (Saffioti, 2004, p. 45).

Dessa forma, o poder do macho, segundo Saffioti, se manifesta em várias dimensões – econômica, política, social e cultural –, funcionando como um mecanismo de manutenção da desigualdade. É por isso que a autora alerta para a necessidade de compreender a opressão de gênero não como um fenômeno isolado, mas como parte integrante de um sistema que perpetua privilégios masculinos e a subalternização feminina.

O pensamento de Heleieth Saffioti é essencial para compreender a articulação entre patriarcado e capitalismo. Para a autora, o “poder do macho” é uma construção social que se expressa de modo material e simbólico, reproduzindo a desigualdade de gênero em todas as esferas da vida. Em sua obra *Gênero, Patriarcado, Violência* (2004), Saffioti enfatiza que:

O poder do macho não se restringe às relações interpessoais, mas está institucionalizado em aparelhos do Estado, em práticas jurídicas, na divisão sexual do trabalho e, sobretudo, na violência simbólica que mantém as mulheres em situação de subordinação. Essa dominação é naturalizada a tal ponto que muitas vezes se apresenta como resultado de uma ordem imutável, quando, na realidade, é histórica e passível de transformação (Saffioti, 2004, p. 42).

Esse entendimento amplia a crítica ao patriarcado, mostrando que a dominação masculina não se limita ao ambiente doméstico, mas perpetua-se por meio das instituições sociais e políticas. Para Saffioti (2004), o poder do macho se configura como um instrumento de manutenção da ordem social hierárquica, que confere legitimidade ao privilégio masculino.

Outro aspecto importante é a compreensão da violência como mecanismo central de exercício desse poder. A autora alerta que a violência não deve ser vista apenas como ato físico, mas também como estratégia ideológica que assegura a permanência da dominação:

A violência masculina deve ser entendida não como um desvio, mas como um recurso legítimo dentro da lógica patriarcal. Trata-se de um dispositivo de controle que vai além da agressão física, alcançando o plano simbólico, psicológico e sexual, garantindo ao homem o domínio sobre o corpo e a subjetividade feminina. (Saffioti, 2004, p. 56).

Dessa maneira, a teórica brasileira evidencia que o “poder do macho” não é apenas fruto de um processo cultural, mas uma engrenagem que articula economia, ideologia e violência. Ele se sustenta na naturalização das desigualdades e na reprodução constante de práticas que colocam as mulheres em posição de inferioridade.

Portanto, compreender o poder do macho em Saffioti significa reconhecer que as desigualdades de gênero não são naturais, mas socialmente construídas e historicamente determinadas. Essa perspectiva contribui para problematizar as

estruturas de poder e aponta para a necessidade de resistências coletivas e transformações sociais profundas.

2.2.1 O patriarcado sob a perspectiva marxista

A autora destaca que o patriarcado não é apenas uma herança cultural, mas um sistema histórico de opressão que organiza as relações sociais e garante privilégios aos homens. Segundo ela, “a supremacia masculina é tão antiga quanto a própria história das sociedades de classes” (Saffioti, 2004, p. 22). Desse modo, compreender o patriarcado implica reconhecer sua articulação com o capitalismo e com outras formas de exploração.

Dentro do marxismo, o patriarcado é visto como um sistema histórico que antecede o capitalismo, mas que se articula a ele, fornecendo bases materiais e ideológicas para a opressão das mulheres. Silvia Federici, em sua obra *Calibã e a bruxa* (2017), aponta que a transição do feudalismo para o capitalismo consolidou novas formas de dominação sobre as mulheres, especialmente no campo da reprodução e do controle dos corpos femininos. Para ela:

A caça às bruxas foi um dos mais importantes instrumentos para a criação de uma nova ordem patriarcal, em que as mulheres foram colocadas sob o controle direto dos homens e do Estado. Ao destruir o poder social que as mulheres haviam conquistado durante a Idade Média, o capitalismo estabeleceu as bases de uma disciplina sobre seus corpos, sua sexualidade e sua capacidade reprodutiva. (Federici, 2017, p. 184).

Esse argumento reforça a ideia de que o patriarcado não pode ser analisado apenas como uma herança cultural, mas como um sistema que se fortalece em função das necessidades econômicas do capital, o qual transformou as mulheres em “trabalhadoras reprodutivas” não remuneradas, essenciais para a manutenção da força de trabalho.

Na mesma direção, Angela Davis, em *Mulher, raça e classe* (2016), demonstra como a opressão de gênero se entrelaça com as dimensões de raça e classe, mostrando que o patriarcado não atua de maneira homogênea sobre todas as mulheres. Ela afirma:

As mulheres negras sempre tiveram que trabalhar fora de casa, em condições extremamente duras, e, por isso, não puderam ser confinadas ao espaço doméstico da mesma forma que as mulheres brancas. A opressão patriarcal, portanto, se combinou à exploração de classe e à opressão racial, criando uma forma específica de subordinação que não pode ser reduzida a uma experiência universal feminina. (Davis, 2016, p. 67).

Dessa forma, a perspectiva marxista ampliada pelo feminismo marxista demonstra que o patriarcado é uma estrutura histórica que se articula com o capitalismo, com o racismo e com outras formas de opressão, operando simultaneamente na exploração econômica e na dominação social das mulheres.

Assim, compreender o patriarcado sob essa ótica significa reconhecer sua dimensão material (ligada à exploração do trabalho produtivo e reprodutivo), ideológica (naturalização da inferioridade feminina) e interseccional (marcada por raça e classe), o que amplia as possibilidades de crítica e transformação social.

2.2.2 Relações de gênero e exploração

Saffioti enfatiza que as relações de gênero configuram uma forma de exploração material e simbólica. A mulher, ao mesmo tempo em que é explorada no mercado de trabalho, sofre opressão dentro da família e nas relações afetivas. Como afirma a autora: “a exploração de gênero atua em duas frentes: a da produção e a da reprodução” (Saffioti, 2004, p. 41). Essa perspectiva é fundamental para analisar Iracema, já que o vínculo entre Martim e Iracema, sob a aparência de paixão, revela uma lógica de submissão e posse.

As relações de gênero, historicamente, foram estruturadas em torno da exploração das mulheres, sobretudo, no que diz respeito ao trabalho produtivo e reprodutivo. Essa exploração não pode ser entendida apenas como desigualdade entre os sexos, mas como um mecanismo sistêmico de manutenção da ordem patriarcal e capitalista.

No século XIX, Friedrich Engels já destacava a centralidade do trabalho não remunerado das mulheres como base da desigualdade, ressaltando que:

A emancipação da mulher só se torna possível quando ela pode participar em grande escala da produção social, e o trabalho doméstico lhe ocupa apenas um tempo insignificante. A grande indústria moderna abre este

caminho, mas somente o socialismo poderá libertar a mulher da escravidão doméstica (Engels, 2019, p. 102).

Esse apontamento deixa claro que a subordinação feminina não é natural, mas historicamente construída e sustentada por interesses econômicos. Heleieth Saffioti, em *A mulher na sociedade de classes* (1976), reforça essa ideia ao mostrar que a exploração feminina vai além da esfera produtiva, pois se articula também com o âmbito privado. A autora explica que:

O trabalho doméstico, realizado gratuitamente pelas mulheres, não é apenas uma extensão natural de sua função biológica, como muitas vezes se quer fazer crer. Trata-se, antes, de um trabalho socialmente necessário, que garante a reprodução da força de trabalho, mas que é invisibilizado para perpetuar a exploração tanto pelo patriarcado quanto pelo capitalismo (Saffioti, 1976, p. 89).

Essa visão desmonta a ideologia que reduz o papel das mulheres ao lar e à maternidade, mostrando que essa naturalização é um dos pilares de sua exploração.

Silvia Federici, por sua vez, chama atenção para o caráter violento desse processo. Para ela, a exploração das mulheres não ocorreu de forma espontânea, mas foi imposta através da repressão. Em *Calibã e a bruxa* (2017), a autora argumenta que:

A perseguição às bruxas, entre os séculos XVI e XVII, foi uma verdadeira guerra contra as mulheres. Ao criminalizar saberes femininos, práticas de cura e formas de solidariedade, o Estado e a Igreja destruíram a autonomia das mulheres e criaram as condições para que fossem reduzidas ao trabalho doméstico e reprodutivo sob o controle masculino (Federici, 2017, p. 221).

Esse processo histórico mostra como a exploração de gênero foi institucionalizada e legitimada pela religião, pela ciência e pelo Estado, criando bases duradouras para a desigualdade.

Angela Davis, ampliando essa perspectiva com o recorte racial, demonstra que a exploração das mulheres não é uniforme, mas atravessada por classe e raça. Em *Mulher, raça e classe* (2016), ela evidencia que:

A experiência das mulheres negras não pode ser reduzida à condição de donas de casa confinadas ao lar. Desde a escravidão, foram forçadas ao

trabalho produtivo e exploradas sexualmente, mostrando que o patriarcado, o racismo e o capitalismo atuam em conjunto para definir a posição social dessas mulheres (Davis, 2016, p. 49).

Assim, percebe-se que a exploração das mulheres se dá de forma complexa e interseccional: enquanto algumas são restringidas ao espaço doméstico, outras sempre foram incorporadas ao trabalho produtivo, mas em condições precarizadas e sob forte controle patriarcal.

No contexto contemporâneo, as relações de gênero e exploração ainda se manifestam na divisão sexual do trabalho, nos salários desiguais, na tripla jornada feminina (trabalho formal, doméstico e de cuidado) e na naturalização da violência simbólica. Esses elementos revelam que, apesar dos avanços sociais e políticos, a estrutura patriarcal-capitalista continua a se alimentar do trabalho gratuito e desvalorizado das mulheres.

2.3 A dominação masculina à luz da cultura skinneriana em Jordana Fontana

Jordana Fontana (2019) traz uma contribuição contemporânea ao relacionar a dominação masculina com a noção de cultura de B. F. Skinner. Para ela, as práticas sociais, inclusive as de gênero, são moldadas por contingências de reforço que garantem a manutenção do patriarcado.

A leitura da dominação masculina sob a ótica da cultura skinneriana, como desenvolvida por Jordana Fontana, permite compreender o patriarcado como um fenômeno socialmente aprendido, mantido e reforçado por práticas culturais. Inspirada em Skinner, Fontana observa que as desigualdades de gênero não se sustentam de forma espontânea, mas são produzidas e reproduzidas por contingências de reforçamento que modelam comportamentos.

Nesse sentido, Fontana (2010) aponta que:

A cultura patriarcal estabelece práticas que são transmitidas de geração em geração, mantendo os privilégios masculinos por meio de reforços positivos e negativos. As mulheres que correspondem às expectativas sociais de submissão recebem aceitação social, enquanto aquelas que desafiam tais padrões são punidas, criticadas ou marginalizadas (Fontana, 2019, p. 77).

Essa perspectiva revela que a dominação masculina é sustentada não apenas por estruturas econômicas e políticas, mas também pelo condicionamento

cultural cotidiano, que legitima e naturaliza as desigualdades. Sob essa ótica, a violência simbólica de que fala Bourdieu pode ser reinterpretada em termos skinnerianos: trata-se de um processo de controle cultural no qual práticas de submissão feminina são constantemente reforçadas. Fontana acrescenta:

A cultura, ao moldar os papéis de gênero, utiliza-se de mecanismos de reforço para garantir a permanência da dominação masculina. Dessa forma, a desigualdade é aprendida desde a infância, nos ambientes familiar e escolar, e mantida ao longo da vida social (Fontana, 2019, p. 82).

Assim, a cultura patriarcal pode ser compreendida como um conjunto de contingências sociais que seleciona e mantém comportamentos que favorecem a superioridade masculina e a subordinação feminina.

Essa análise aproxima a psicologia comportamental das teorias feministas, mostrando que a dominação masculina não é apenas estrutural, mas também resultado de práticas microcotidianas de reforço cultural. Isso significa que a transformação social exige não apenas mudanças estruturais, mas também a alteração das contingências culturais que sustentam a desigualdade.

Segundo Skinner (1971), a cultura é um conjunto de práticas selecionadas socialmente e transmitidas de geração em geração. Ele afirma: “A cultura é o ambiente social no qual contingências de reforço moldam o comportamento humano” (Skinner, 1971, p. 15). Desse modo, comportamentos relacionados à submissão feminina são reforçados positivamente, enquanto atitudes de resistência ou autonomia são submetidas a punições simbólicas ou sociais.

B. F. Skinner, em sua análise comportamental, define a cultura como um conjunto de práticas mantidas e transmitidas socialmente por meio de reforços e punições. Diferentemente da herança biológica, as práticas culturais são aprendidas e selecionadas socialmente, de modo que aquelas que produzem efeitos considerados vantajosos ou desejáveis tendem a se perpetuar. Skinner explica:

Chamamos de cultura ao conjunto de práticas de um grupo que são transmitidas de geração em geração, não pela herança genética, mas pelas contingências de reforço que moldam o comportamento. A cultura seleciona práticas que contribuem para a sobrevivência do grupo, da mesma forma que a seleção natural favorece características que contribuem para a sobrevivência da espécie (Skinner, 1971, p. 428).

Essa noção permite compreender como normas e valores sociais, incluindo padrões de gênero, são aprendidos e reforçados cotidianamente. As práticas culturais não são neutras: algumas reproduzem desigualdades, consolidam privilégios e mantêm relações de dominação. Nesse sentido, Jordana Fontana aplica a perspectiva skinneriana para analisar a dominação masculina:

A cultura patriarcal estabelece práticas que são transmitidas de geração em geração, mantendo os privilégios masculinos por meio de reforços positivos e negativos. As mulheres que desafiam tais padrões são punidas ou marginalizadas (Fontana, 2019, p. 77).

Portanto, a perspectiva skinneriana demonstra que a dominação masculina se mantém não apenas por estruturas econômicas ou políticas, mas também por condicionamentos culturais, que moldam comportamentos, expectativas sociais e papéis de gênero ao longo do tempo. Essa compreensão abre espaço para estratégias de intervenção cultural que promovam a igualdade e a desconstrução de padrões opressivos.

O presente capítulo permite compreender a dominação masculina como um fenômeno complexo, que se manifesta em múltiplas dimensões — histórica, estrutural, simbólica e cultural — e que se sustenta por práticas sociais aprendidas e reforçadas ao longo do tempo. Ao analisar a dominação masculina sob a perspectiva de Pierre Bourdieu, percebe-se que a desigualdade de gênero não se limita a ações explícitas de poder, mas é mantida por meio da violência simbólica, que naturaliza hábitos, valores e práticas culturais em benefício dos homens. Nesse sentido, as mulheres se tornam alvos de uma dominação muitas vezes invisível, internalizada e legitimada socialmente, o que dificulta a percepção de sua própria subordinação.

A abordagem de Heleieth Saffioti, articulada à perspectiva marxista, evidencia que o patriarcado se entrelaça com a exploração econômica, produzindo uma dupla opressão sobre as mulheres: ao mesmo tempo em que são submetidas ao trabalho produtivo, também assumem responsabilidades domésticas não remuneradas, essenciais para a reprodução da força de trabalho. Essa articulação histórica demonstra que a desigualdade de gênero não é um fenômeno isolado, mas estrutural, atravessando diferentes esferas da vida social.

Autoras como Silvia Federici e Angela Davis ampliam essa compreensão ao mostrar que a opressão feminina não é homogênea: ela é atravessada por fatores como raça, classe e contexto histórico. Federici destaca como o controle do corpo e da sexualidade das mulheres foi central para a manutenção da exploração no processo de formação do capitalismo, enquanto Davis evidencia que mulheres negras e de classes populares experimentam uma forma de subordinação marcada pela combinação de patriarcado, racismo e exploração econômica. Essas análises reforçam a importância de uma abordagem interseccional para compreender a complexidade das relações de gênero e exploração.

Por fim, a perspectiva skinneriana, aplicada à dominação masculina por Jordana Fontana, demonstra que a desigualdade de gênero também se mantém por meio de práticas culturais aprendidas e reforçadas socialmente. A cultura patriarcal seleciona comportamentos e hábitos que perpetuam privilégios masculinos, recompensando a conformidade e punindo a resistência. Essa compreensão evidencia que a dominação masculina não se limita a estruturas formais, mas se manifesta cotidianamente, sendo aprendida e reproduzida desde a infância.

Dessa forma, este capítulo mostra que a dominação masculina é um fenômeno histórico, estrutural, simbólico e cultural, socialmente construído e sustentado por múltiplas práticas interdependentes. Reconhecer sua complexidade é fundamental para compreender a persistência das desigualdades de gênero e, ao mesmo tempo, para identificar caminhos de resistência e transformação social. A compreensão teórica apresentada neste capítulo estabelece a base para os capítulos subsequentes, que irão aprofundar os mecanismos de manutenção da dominação masculina, bem como estratégias de enfrentamento e superação dessas desigualdades

3 ROMANTISMO E A ROMANTIZAÇÃO NA LITERATURA BRASILEIRA

O Romantismo foi um movimento literário que marcou profundamente o século XIX, tendo grande influência na formação da literatura e da identidade nacional brasileira. No Brasil, ele surgiu em um contexto de busca por autonomia cultural após a Independência (1822), refletindo o desejo de construir uma literatura genuinamente nacional. Nesse processo, a romantização — ou seja, a idealização da realidade — tornou-se um recurso essencial para representar o país e seus valores de forma simbólica e emocional.

Os autores românticos procuraram criar uma imagem ideal do Brasil, exaltando a natureza, o amor e o sentimento patriótico. Como destaca Antônio Candido (2000, p. 23), a literatura desse período teve uma função fundadora:

A literatura romântica foi uma das formas de organização da consciência nacional. Por meio da idealização, os escritores criaram símbolos que ajudaram o povo brasileiro a se reconhecer como nação, unindo a fantasia literária à necessidade de afirmação cultural (Candido, 2000, p. 23).

Essa idealização aparece com força na obra de José de Alencar, principal representante do indianismo romântico. Em *Iracema* (1865), o autor constrói uma narrativa que simboliza o nascimento do povo brasileiro por meio da união entre o colonizador português e a indígena tabajara. O romance, portanto, ultrapassa o campo da ficção e assume um sentido mitológico e nacionalista.

Logo no início da obra, Alencar apresenta *Iracema* de modo profundamente poético, descrevendo-a como símbolo da natureza brasileira. O autor escreve:

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira; o favo da jati não era doce como seu sorriso, nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado (Alencar, 2019, p. 16).

A descrição acima é um exemplo claro da romantização presente na literatura do período. A personagem é idealizada em todos os aspectos, fundindo-se à própria paisagem natural. *Iracema* não é apenas uma mulher indígena, mas a personificação do Brasil — pura, bela, fértil e espiritualizada. A natureza não é um simples cenário, mas uma extensão da protagonista, e ambas refletem o ideal de harmonia e perfeição romântica.

Ao longo da narrativa, o amor entre Iracema e Martim simboliza a fusão entre culturas distintas: a indígena e a europeia. Entretanto, esse amor é também trágico, pois resulta no sacrifício da heroína.

Segundo Alfredo Bosi (1994, p. 109), essa fusão poética entre homem e natureza cumpre uma função ideológica:

Ao idealizar o indígena e a paisagem, Alencar construiu uma mitologia literária que substitui a história pela poesia. O conflito entre colonizador e colonizado é transfigurado em símbolo de união e origem, apagando as contradições reais em nome de um ideal de harmonia nacional (Bosi, 1994, p. 109).

Assim, percebe-se que a romantização, mais do que uma escolha estética, foi também uma estratégia política e cultural. Ela permitiu criar uma imagem do Brasil como nação unida, bela e espiritual, ainda que essa visão idealizada ocultasse as desigualdades e os traumas históricos.

Portanto, o Romantismo e a romantização na literatura brasileira cumpriram papel essencial na formação da identidade nacional. Iracema é o exemplo mais expressivo desse processo, pois alia lirismo, nacionalismo e mito em uma narrativa profundamente simbólica. A heroína que morre para dar origem ao “povo novo” representa o sacrifício das origens em nome da civilização. Por meio de suas imagens poéticas e idealizadas, José de Alencar não apenas criou uma das obras-primas do Romantismo, mas também eternizou o sonho de um Brasil imaginado, onde a dor se transforma em beleza e a perda em nascimento.

3.1 Idealização da Mulher

A representação da mulher no Romantismo brasileiro, especialmente em Iracema de José de Alencar, ultrapassa a dimensão estética e literária: ela revela um modelo simbólico de submissão e idealização feminina, enraizado em estruturas de dominação social e cultural. A heroína romântica, construída sob os ideais de pureza, delicadeza e sacrifício, encarna o que Pierre Bourdieu (1999) define como o “hábitos da dominação masculina” — um conjunto de disposições simbólicas que naturalizam o poder do homem sobre a mulher, apresentando-o como harmonia e amor, quando, na verdade, é imposição e subordinação.

Na obra de Alencar, Iracema é apresentada como o símbolo máximo da mulher idealizada: bela, pura, espiritual e em harmonia com a natureza. Desde o início do romance, o narrador descreve sua beleza com linguagem poética e mítica,

tornando-a uma imagem de perfeição. Alencar escreve:

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira; o favo da jati não era doce como seu sorriso, nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado (Alencar, 2019, p. 16).

Nessa passagem, a mulher é retratada como ser etéreo, fundido à natureza e desprovido de individualidade. Sua identidade é construída a partir do olhar masculino — o olhar de Martim, o colonizador português, e do próprio narrador. O corpo de Iracema é poeticamente descrito, mas também simbolicamente possuído, como se fosse uma extensão da terra a ser conquistada. Essa representação reflete o que Bourdieu (1999, p. 41) descreve como o poder invisível da dominação simbólica:

A dominação masculina encontra-se tão profundamente enraizada nas estruturas inconscientes, que é exercida com cumplicidade tácita entre dominadores e dominados, uma vez que ambos a reconhecem como natural. O poder masculino, disfarçado de amor, transforma a submissão em virtude e o sacrifício em prova de pureza (Bourdieu, 1999, p. 41).

A “virgem dos lábios de mel” de Alencar é, portanto, o reflexo dessa lógica simbólica. Seu amor e sua entrega total a Martim não são escolhas livres, mas parte de um destino que a coloca na posição de doadora, de mãe e de mártir. Sua voz é suave, seu sofrimento é silencioso e sua existência se define pela presença e pela ausência do homem amado.

Heleieth Saffioti, em sua obra *A mulher na sociedade de classes* (1999), analisa como essa idealização literária é uma forma de perpetuar o poder masculino, transformando a desigualdade em poesia e o controle em afeto. Ela observa que:

A mulher é educada e representada para servir, e essa representação não é apenas social, mas também simbólica. O amor romântico, tão celebrado na literatura, é um dos instrumentos mais eficazes de submissão, pois convence a mulher de que a doação e o sofrimento são formas naturais de amar (Saffioti, 1999, p. 88).

Essa análise se aplica perfeitamente a Iracema, onde o amor é retratado como destino e sacrifício. A heroína entrega-se a Martim com devoção total, mas sua entrega a conduz à morte. A pureza, exaltada no início, converte-se em condenação ao final. O amor, nesse contexto, é o mecanismo simbólico que legitima o desaparecimento da mulher e o nascimento do filho — símbolo da nova nação.

Jordana Fontana (2019), ao discutir a representação da mulher idealizada na literatura brasileira, aponta que essa romantização atua como mecanismo de apagamento da voz feminina, mascarando a violência simbólica sob o véu da beleza e da poesia. Ela afirma:

A idealização feminina nas narrativas românticas reforça a naturalização da desigualdade. Ao transformar a mulher em símbolo da pátria, da pureza e da natureza, retira-se dela o direito à palavra e à contradição. A mulher romântica é sempre a que espera, a que sofre, a que morre — e, por isso mesmo, é exaltada (Fontana, 2019, p. 67).

Essa leitura evidencia que *Iracema* não apenas expressa a estética do Romantismo, mas também perpetua a lógica da dominação masculina. A heroína é elevada à condição de mito, mas à custa da perda de sua humanidade. O amor de *Iracema* é absoluto, mas sua voz é apagada; seu corpo é reverenciado, mas seu desejo é silenciado.

A dominação masculina em *Iracema* não se dá pela força, mas pelo discurso do amor e da pureza. O “mito da mulher ideal” é, como explica Bourdieu (2002, p. 52), um dos instrumentos mais eficazes da violência simbólica:

A força da dominação masculina está em sua capacidade de se fazer reconhecer como legítima, de modo que as próprias vítimas contribuam para sua reprodução. A mulher é levada a desejar o que a domina, a amar o que a silencia, e a se sacrificar em nome de uma harmonia que é apenas aparente (Bourdieu, 2002, p. 52).

Em *Iracema*, a doação feminina é transformada em valor moral e espiritual, e o sofrimento da heroína é romantizado como gesto de amor sublime. Entretanto, por trás do lirismo, há a consolidação de um padrão de comportamento e de gênero que associa a mulher à docilidade, ao silêncio e ao sacrifício.

A leitura crítica de Saffioti (1976) e Fontana (2019) mostra que essa idealização não é inofensiva: ela legitima, por meio da literatura, uma estrutura social excludente. Ao transformar a mulher em mito, Alencar contribui, ainda que de forma inconsciente, para perpetuar o imaginário da dominação masculina sob a aparência do amor ideal.

Portanto, a idealização da mulher em *Iracema* é mais do que um recurso poético — é uma forma simbólica de poder. A figura de *Iracema*, embora glorificada,

é produto de uma cultura que associa o feminino à natureza, à passividade e ao sacrifício.

3.2 José de Alencar e sua obra *Iracema*

José de Alencar é considerado um dos principais representantes do Romantismo brasileiro, sobretudo em sua vertente indianista. Nascido em 1829, no Ceará, foi romancista, dramaturgo, advogado e político. Sua produção literária teve papel fundamental na formação de uma literatura nacional independente dos moldes europeus. Em suas obras, Alencar procurou valorizar o Brasil, exaltando sua natureza, seus costumes e, principalmente, o indígena, que para ele simbolizava a pureza e a origem da nacionalidade.

A publicação de *Iracema*, em 1865, marcou um ponto alto da literatura romântica no Brasil. A obra pertence ao conjunto de romances indianistas do autor, ao lado de *O Guarani* e *Ubirajara*. Enquanto *O Guarani* representa o indígena heroico e guerreiro, e *Ubirajara* apresenta o indígena em seu próprio ambiente, *Iracema* é uma narrativa de caráter simbólico e poético, que procura retratar o nascimento do povo brasileiro por meio da união entre o branco europeu e a índia nativa.

O próprio título da obra carrega um forte simbolismo. “Iracema”, nome da protagonista, é um anagrama de “América”, o que já sugere a representação da terra e da natureza brasileira. A personagem é apresentada como “a virgem dos lábios de mel”, expressão repetida várias vezes no romance e que sintetiza a pureza, a doçura e o encanto da mulher indígena. Alencar descreve *Iracema* de forma lírica e idealizada, dentro da estética romântica que enaltecia a beleza e a pureza feminina.

Ao longo da narrativa, a natureza acompanha e reflete o estado emocional dos personagens. Quando o amor floresce, o ambiente é descrito como exuberante e luminoso; quando a tristeza e a saudade dominam *Iracema*, a paisagem torna-se sombria e silenciosa. Essa fusão entre o sentimento humano e o cenário natural é um dos aspectos mais característicos da prosa romântica.

José de Alencar consegue, por meio de *Iracema*, unir o lirismo do Romantismo europeu com os elementos nativos do Brasil. Sua obra representa a tentativa de criar uma identidade literária genuinamente nacional, na qual o indígena

é símbolo da pureza e da origem da nação. A força poética da narrativa, a musicalidade da linguagem e o idealismo das personagens transformam Iracema em um dos marcos da literatura brasileira.

3.3 Fortuna Crítica da Obra

A obra Iracema, de José de Alencar, tem sido amplamente estudada e debatida pela crítica literária brasileira desde sua publicação em 1865. Considerada um dos marcos do Romantismo e da literatura nacional, o romance despertou desde cedo o interesse de estudiosos, escritores e críticos pela sua linguagem poética, seu simbolismo e pela representação da formação da identidade brasileira. A fortuna crítica da obra é vasta e diversa, abrangendo interpretações que vão desde o elogio à genialidade estilística de Alencar até leituras que questionam a visão idealizada do indígena e o papel feminino na narrativa.

Na época de sua publicação, Iracema foi recebida com grande entusiasmo pelos leitores românticos. O público da segunda metade do século XIX estava profundamente envolvido no ideal de construção de uma literatura nacional, e José de Alencar foi reconhecido como o autor que deu “voz poética à alma do Brasil”. O crítico José Veríssimo (1954), um dos primeiros a sistematizar a história literária brasileira, destacou o papel de Alencar na consolidação da ficção nacional:

José de Alencar foi o verdadeiro criador do romance brasileiro, porque dotou o nosso país de uma literatura própria, alimentada pelas tradições, pela natureza e pelo povo do Brasil. Iracema é a mais pura e perfeita expressão do sentimento nacional em forma literária (Veríssimo, 1954, p. 132).

Veríssimo enaltece o caráter simbólico e patriótico da obra, ressaltando sua importância para a consolidação da literatura romântica e para o processo de afirmação da identidade nacional. Para ele, a figura de Iracema representa a alma indígena fundida ao espírito europeu, resultando na síntese da nacionalidade.

Outro importante crítico, Alfredo Bosi (2006), em *História Concisa da Literatura Brasileira*, também reconhece a relevância da obra, mas adota uma leitura mais analítica e menos idealizadora. Bosi observa que Iracema deve ser compreendida não apenas como uma lenda de amor, mas como um texto que reflete o imaginário do século XIX e o contexto de colonização. Ele afirma:

Iracema é mais do que um poema de amor. É a tentativa de fundar, sob o signo da poesia, o mito de origem do povo brasileiro. Alencar, ao transformar a mestiçagem em tema central, procura justificar literariamente o nascimento de uma nova raça, mas o faz sob o olhar do colonizador (Bosi, 1994, p. 110).

Essa leitura destaca o caráter simbólico da obra, apontando que o encontro entre Iracema e Martim não se resume a um romance, mas representa o encontro desigual entre dois mundos: o europeu e o indígena. O amor trágico, portanto, é também a metáfora da colonização e do apagamento da cultura nativa.

O crítico Afrânio Coutinho (1970) também dedicou grande atenção à obra de José de Alencar e a considerou uma das mais expressivas manifestações do espírito romântico no Brasil. Para ele, Iracema alcança um equilíbrio raro entre forma e conteúdo, sendo o ápice da prosa poética alencarina:

A linguagem de Iracema é de uma musicalidade e plasticidade únicas. Alencar cria uma prosa que se aproxima da poesia, onde cada frase tem ritmo e harmonia. A narrativa é leve, simbólica e profundamente nacional, um verdadeiro canto de amor à terra e à mulher brasileira (Coutinho, 1970, p. 224).

A observação de Coutinho reforça o valor estético da obra e o talento de José de Alencar para fundir lirismo e narrativa. Essa característica, frequentemente mencionada pela crítica, é uma das razões que fazem de Iracema uma obra singular dentro do Romantismo brasileiro.

Por outro lado, a crítica moderna, especialmente a partir da segunda metade do século XX, passou a questionar alguns aspectos ideológicos da narrativa. A idealização do indígena e a visão da mulher como figura passiva e sacrificada começaram a ser analisadas de forma mais crítica. Antônio Candido (1997), em *Formação da Literatura Brasileira*, destaca que o projeto de Alencar, embora nacionalista, está profundamente ligado ao pensamento de seu tempo, o que explica certas limitações ideológicas presentes na obra. Ele escreve:

José de Alencar foi, sem dúvida, o escritor que melhor encarnou o ideal romântico da nacionalidade. Entretanto, ao construir o mito de Iracema, ele também reproduziu a hierarquia cultural de seu tempo, em que o indígena é visto como elemento poético, mas não como sujeito histórico (Candido, 1997, p. 209).

Essa análise amplia o olhar sobre a obra, mostrando que *Iracema* deve ser lida tanto como uma expressão artística sublime quanto como um produto de seu contexto histórico e social. A crítica contemporânea, portanto, tende a ver em *Iracema* um texto ambíguo — ao mesmo tempo que exalta o indígena, o coloca em posição subalterna, idealizando-o e retirando-lhe a voz real.

Nos estudos literários mais recentes, *Iracema* continua sendo objeto de releituras sob diversas perspectivas: simbólica, identitária, feminista e pós-colonial. Lúcia Miguel Pereira (1988), ao analisar o papel da mulher na obra alencarina, observa que *Iracema* é construída como símbolo de pureza e sacrifício, e sua morte é necessária para que o mito nacional se concretize. Segundo ela: “*Iracema* é o preço da nação. Sua morte sela a união das raças e o nascimento de um novo povo. O sacrifício da mulher indígena é a base poética da pátria idealizada por Alencar.” (Pereira, 1988, p. 167).

Essa leitura reforça a dimensão simbólica da obra e a transforma em uma narrativa de fundação — um mito literário que justifica, por meio da beleza poética, a formação de um país mestiço.

Além dos aspectos temáticos e simbólicos, muitos críticos destacam a importância linguística e estilística de *Iracema*. O escritor e ensaísta Machado de Assis, contemporâneo de José de Alencar, reconheceu o mérito estético da obra em carta ao próprio autor. Em suas palavras: “A linguagem de *Iracema* é de uma doçura que encanta e de uma musicalidade que a distingue. Não há, em nossa literatura, outro livro que tão bem uma a poesia ao sentimento da terra.” (Assis, 1866, p. 3).

Essa observação, vinda de um dos maiores nomes da literatura brasileira, demonstra o impacto imediato que o romance teve em seu tempo e o reconhecimento da genialidade artística de Alencar.

Ao longo das décadas, *Iracema* consolidou-se como uma das obras mais estudadas e admiradas do Romantismo brasileiro. Sua fortuna crítica demonstra a vitalidade do texto, que permanece atual e capaz de suscitar novas interpretações. Os estudiosos contemporâneos continuam a revisitar o romance sob múltiplos olhares — seja pela sua linguagem inovadora, seja pelos significados simbólicos e sociais que carrega.

4. AMOR OU POSSE? A DOMINACAO MASCULINA EM “IRACEMA”

O romance *Iracema* (1865), de José de Alencar, é uma das obras mais representativas do Romantismo brasileiro, especialmente por sua proposta de fundar uma identidade nacional por meio da figura do indígena idealizado. Contudo, sob uma análise crítica contemporânea, a relação entre Iracema e Martim ultrapassa o ideal romântico e revela aspectos de dominação masculina e apropriação cultural, refletindo as estruturas patriarcais e coloniais do século XIX. O amor, que à primeira vista se apresenta como uma união harmônica entre culturas, mostra-se um instrumento de subordinação da mulher e da cultura indígena à figura masculina europeia.

Desde o início da narrativa, Iracema é construída a partir do olhar masculino, descrita como símbolo de pureza, beleza e perfeição, atributos que servem para enaltecer o desejo e o domínio do homem sobre ela. José de Alencar inicia a obra com uma descrição que transforma a personagem em uma idealização poética e sensual, reduzindo-a a objeto de contemplação:

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado (Alencar, 2019, p. 16).

Essa linguagem revela uma perspectiva claramente masculina, em que o corpo feminino é comparado aos elementos da natureza, aproximando o erotismo da ideia de posse. O amor, nesse contexto, se confunde com a conquista. Martim, o estrangeiro, é o sujeito ativo da relação, enquanto Iracema é passiva, entregue e silenciada. Como observa Lúcia Miguel Pereira, essa relação amorosa é, na verdade, uma metáfora da colonização:

A figura de Iracema não é apenas a mulher ideal; é também a terra brasileira, virgem e fecunda, que se entrega ao estrangeiro. Nesse gesto de entrega, há uma renúncia total: amor e posse confundem-se, e o amor torna-se um ato de dominação (Pereira, 1973, p. 112).

A partir dessa leitura, percebe-se que a relação entre Martim e Iracema representa a subjugação do feminino e do indígena ao poder do colonizador. A mulher é o território a ser explorado, conquistado e dominado.

De acordo com Mary Del Priore, a história de Iracema é também a história da colonização do corpo feminino e da terra brasileira: “O corpo de Iracema é o território da conquista. Ao entregar-se a Martim, ela incorpora o destino do Brasil colônia: a perda da autonomia e a submissão ao estrangeiro. O amor é o disfarce do poder.” (Del Priore, 2000, p. 87).

O romance reforça, portanto, um modelo de sociedade patriarcal em que a mulher é valorizada por sua pureza e beleza, mas condenada à obediência e ao sacrifício. Iracema é excluída do espaço social após a maternidade, reduzida à função de gerar o filho mestiço, Moacir, símbolo da fusão das raças e da origem do povo brasileiro. Após cumprir esse papel, a personagem é eliminada da narrativa por meio da morte, ato que sela o ciclo de dominação masculina e colonial.

A morte da protagonista representa a vitória simbólica do homem e da civilização europeia. O corpo feminino é anulado para que a figura masculina e o novo mundo possam florescer. Dessa forma, Iracema é mais do que uma história de amor: é a narrativa da submissão feminina e da apropriação cultural travestidas de romance nacional. A dominação masculina se impõe tanto pela linguagem quanto pela estrutura simbólica do texto, revelando como o ideal romântico, ao exaltar o amor e a pureza, oculta as relações de poder e subordinação.

Conclui-se, portanto, que a relação entre Iracema e Martim não expressa um amor idealizado, mas sim um amor de posse, em que a mulher é sacrificada em nome da formação da pátria e do domínio masculino. A virgem dos lábios de mel, símbolo da natureza e da pureza, é conquistada, usada e eliminada — um reflexo do próprio destino das mulheres e dos povos indígenas na história do Brasil.

4.1 Marcas da dominação masculina em “Iracema”

A obra Iracema (1865), de José de Alencar, é um dos mais emblemáticos romances do Romantismo brasileiro, marcada pela idealização do amor entre o português Martim e a índia Iracema, “a virgem dos lábios de mel”. No entanto, sob a

aparência de um amor sublime e fundacional, observa-se um enredo permeado por fortes marcas de dominação masculina, refletindo a estrutura patriarcal e colonial da sociedade oitocentista. Alencar, ainda que de forma simbólica e poética, revela a subordinação da figura feminina diante do poder e da vontade masculina, tanto no plano afetivo quanto no cultural.

Iracema é apresentada, desde o início da narrativa, como uma mulher pura e submissa, cujo corpo e destino estão vinculados aos valores tribais e à vontade masculina. Ela é descrita como “a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira”. A ênfase na beleza e na pureza da personagem já demonstra o olhar objetificador do narrador, que reduz a mulher à dimensão estética e sensual. José de Alencar escreve: “Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira; o hálito perfumado como o das flores da jurema, e mais doce que seu mel.” (Alencar, 2019, p. 16).

A descrição lírica e idealizada não apenas exalta a beleza da índia, mas também reforça o papel de Iracema como um objeto de desejo masculino, configurando o início de uma relação desigual. Martim, o europeu civilizado, surge como o agente da dominação — aquele que detém o poder da escolha, da cultura e da palavra. Sua presença rompe o equilíbrio da aldeia e redefine o destino da protagonista.

Iracema voltara com as mulheres chamadas para servir o hóspede de Araquém, e os guerreiros vindos para obedecer-lhe. Guerreiro branco, disse a virgem, o prazer embale tua rede durante a noite; e o sol traga luz a teus olhos, alegria à tua alma. E assim dizendo, Iracema tinha o lábio trêmulo, e úmida a pálpebra. Tu me deixas? Perguntou Martim (Alencar, 2019, p.19).

Essa interrogação simples de Martim impõe autoridade masculina sobre a virgem indígena, forçando-a a priorizar o estrangeiro acima de tabus tribais e deveres. Representa o colonizador que explora códigos de honra indígena para submeter a mulher, iniciando sua trajetória de sacrifício por amor não recíproco. O narrador destaca sua vulnerabilidade física (trêmulo, úmida), contrastando com o controle verbal dele.

A metáfora da escravidão é explícita: o amor romântico é aqui uma forma de cativo emocional, em que a mulher se torna prisioneira da vontade do homem. Martim, representante da racionalidade europeia, assume o comando da relação,

enquanto Iracema, símbolo da natureza e da emoção, é reduzida à condição de servidão amorosa.

A cena final resume a essência da dominação masculina no romance. Iracema morre, enquanto Martim sobrevive para fundar uma nova sociedade. A mulher é sacrificada, silenciada, transformada em mito, enquanto o homem é o agente da história e da continuidade. O gesto de morrer por amor, tratado com beleza poética, representa na verdade a completa anulação da voz feminina.

Vim, respondeu o desconhecido.

“Bem vieste. O estrangeiro é senhor na cabana de Araquém. Os tabajaras têm mil guerreiros para defendê-lo, e mulheres sem conta para servi-lo. Dize, e todos te obedecerão”. (Alencar, 2019, p. 18).

Essa citação revela, de maneira direta, a assimetria de poder que estrutura toda a relação entre Martim e o povo tabajara, especialmente Iracema. Quando Araquém afirma que “o estrangeiro é senhor na cabana”, coloca Martim, recém-chegado e vulnerável, em uma posição de autoridade absoluta dentro de um espaço que não é seu. Ele não precisa conquistar respeito, provar valor ou estabelecer vínculos: sua simples presença, enquanto homem europeu, já o torna senhor.

A oferta de “mil guerreiros para defendê-lo e mulheres sem conta para servi-lo” reforça tanto a submissão coletiva quanto a disponibilidade dos corpos femininos como parte desse acolhimento. As mulheres são apresentadas como instrumentos de cuidado e serviço, revelando uma lógica patriarcal e colonial que naturaliza a mulher indígena como figura subordinada. Ao dizer “Dize, e todos te obedecerão”, a narrativa legitima o domínio total de Martim: sua vontade se converte em lei. Essa cena, portanto, antecipa o que acontecerá com Iracema — ela se apaixona, entrega-se e abandona seu povo, enquanto Martim ocupa uma posição de prestígio e comando. O romance apresenta essa submissão como gesto de hospitalidade e amor, mas, numa leitura crítica, evidencia a estrutura de dominação masculina e colonial que define o destino da personagem.

A dominação também se manifesta no discurso narrativo, predominantemente masculino. Iracema não possui voz própria; ela fala pouco, e suas falas são quase sempre dirigidas ao amado. O narrador onisciente, por sua vez, adota uma perspectiva que reforça a superioridade do olhar masculino sobre o feminino. A

linguagem poética suaviza a violência simbólica, tornando-a aceitável sob o manto da idealização romântica.

Portanto, as marcas da dominação masculina em *Iracema* são visíveis na forma como José de Alencar estrutura a relação entre os protagonistas: o homem domina, decide e sobrevive; a mulher ama, obedece e morre. Sob a aparência de um romance idílico, a narrativa reproduz o modelo patriarcal de sua época, em que o feminino é submisso e sacrificado em nome do amor e da civilização. Assim, a tragédia de *Iracema* é também a tragédia de uma mulher que, ao amar, perde a si mesma — um retrato poético da desigualdade entre homens e mulheres no imaginário romântico brasileiro.

4.2 Representações de amor e posse na narrativa em *Iracema*

A narrativa de José de Alencar, em *Iracema*, ultrapassa o simples romance entre uma índia e um europeu, configurando-se como uma metáfora do encontro desigual entre duas culturas e, ao mesmo tempo, da relação entre amor e posse. O sentimento entre *Iracema* e Martim é apresentado com extrema delicadeza, mas o lirismo encobre uma realidade de submissão e perda. O amor, em sua forma idealizada, torna-se o caminho pelo qual a mulher é dominada, e o corpo feminino passa a representar o território conquistado.

Desde o início, Alencar constrói a figura de *Iracema* como símbolo da pureza e da perfeição natural. Sua descrição, impregnada de poesia, transforma a mulher em um ser ideal, quase divino. O autor escreve:

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que o talhe da palmeira, era a mais formosa filha da taba dos Tabajaras. O sorriso de Iracema desabrochava como o perfume das flores; seus olhos tinham o brilho das águas claras do rio (Alencar, 2019, p. 16).

Nessa passagem, *Iracema* é representada como extensão da natureza. Sua beleza é associada aos elementos do ambiente — flores, rios, aves, árvores —, o que reforça a ideia de que a mulher é parte do território a ser descoberto e conquistado. O amor, portanto, já nasce ligado à ideia de posse: admirar e desejar *Iracema* é, simbolicamente, desejar a terra virgem do Brasil.

A vida em comum dos dois é marcada pela saudade e pela solidão. Longe de sua tribo e de sua gente, Iracema passa a viver apenas em função do amado. Sua identidade vai sendo apagada à medida que o relacionamento se consolida.

Dessa forma, a relação entre Iracema e Martim é construída sob o signo da desigualdade. O amor, que deveria unir dois seres de forma harmoniosa, transforma-se em instrumento de domínio. A mulher é idealizada e, ao mesmo tempo, anulada. Sua doçura e sua entrega são exaltadas como virtudes, mas são também a causa de sua destruição.

Iracema é tua, disse a virgem com voz doce e meiga. O guerreiro branco cingiu com o braço a cintura flexível da donzela, e imprimiu um beijo nos lábios de mel. Martim é de Iracema! Exclamou o moço guerreiro com ardor. (Alencar, 2019, p. 22).

A citação mostra o momento em que Iracema e Martim afirmam seu amor de forma explícita. Quando Iracema declara “Iracema é tua”, ela entrega-se afetivamente ao guerreiro branco, revelando confiança e entrega total. O gesto de Martim abraçar sua cintura e beijá-la reforça essa reciprocidade e simboliza a união amorosa entre eles. A exclamação “Martim é de Iracema!” evidencia que, naquele instante, ambos se assumem como pertencentes um ao outro. Esse trecho marca o ápice da paixão romântica, idealizada e intensa, mas também antecipa o conflito cultural da obra: a união entre dois mundos distintos o indígena e o europeu que dificilmente coexistirão sem consequências dolorosas.

Ao transformar o amor em metáfora de conquista, José de Alencar cria uma narrativa que reflete as tensões entre afeto e poder. O sentimento de Iracema é puro e absoluto, mas essa pureza a conduz ao aniquilamento. O amor, em Iracema, é tanto a expressão máxima da beleza quanto o caminho inevitável da perda.

Em síntese, as representações de amor e posse na narrativa revelam como José de Alencar utilizou a linguagem poética para retratar a dualidade entre a ternura e a dominação. A idealização feminina, traço marcante do Romantismo, aparece aqui como símbolo da entrega total e da dependência emocional. Iracema é, ao mesmo tempo, a mulher amada e a mulher possuída — aquela que se sacrifica em nome de um sentimento absoluto, transformando-se em mito, mas perdendo sua própria voz.

4.3 Manipulação e abuso no personagem Martin

A figura de Martim, o colonizador português que se torna o grande amor e, ao mesmo tempo, o algoz simbólico de Iracema, é uma das mais complexas da literatura de José de Alencar. Embora o autor o apresente como herói romântico, representante da civilização e do cristianismo, a leitura atenta da narrativa revela aspectos de manipulação, imposição e domínio sobre a protagonista. O personagem não apenas conquista o amor de Iracema, mas também direciona seu destino, conduzindo-a à submissão, à perda de identidade e, por fim, à morte.

Desde o início da narrativa, Martim é caracterizado como um homem de força e determinação. Sua presença, ainda que silenciosa, impõe respeito e curiosidade entre os indígenas. “O sentimento que ele pôs nos olhos e no rosto, não o sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e a uiracaba, e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara” (Alencar, 2019, p. 17).

Embora o narrador confesse não saber qual expressão Martim fez, o efeito é evidente: com um simples olhar, Martim desperta em Iracema um forte sentimento de culpa e de necessidade de reparação. Esse gesto, aparentemente sutil, inaugura uma dinâmica que se repetirá ao longo da narrativa: a sensibilidade exagerada de Iracema diante das reações de Martim, somada ao silêncio calculado ou expressões indiretas dele, fazem com que ela se sinta responsável pelo sofrimento do estrangeiro.

A cena mostra que a relação já nasce desequilibrada. Martim não precisa usar a força física nem palavras duras; basta um olhar para que Iracema abandone suas armas, símbolos de poder, autonomia e identidade guerreira. O ato de “lançar de si o arco e a uiracaba” funciona como um gesto simbólico de desarmamento emocional e ritual, marcando o início da entrega total da personagem feminina à figura masculina.

Do ponto de vista crítico contemporâneo, esse momento pode ser lido como um exemplo de indução de culpa, mecanismo comum em relações de dominação afetiva. A reação de Martim silenciosa, expressiva e carregada de expectativa produz em Iracema a necessidade de agradá-lo e de não o decepcionar, estabelecendo um padrão de submissão emocional que será intensificado ao longo

do romance. “Seu sentimento fica dividido entre a loira dos castos afetos, que deixou em sua tribo, e virgem morena dos ardentes amores” (Alencar, 2019, p.24)

Nesta passagem, o narrador revela que Martim não pertence emocionalmente a Iracema de forma integral. Ele ainda guarda lembrança da “loira dos castos afetos” — uma figura simbólica da sociedade europeia, pura e idealizada — enquanto vive com Iracema uma paixão ardente, corporal e instável. Essa divisão afetiva não é explícita para Iracema, mas atravessa silenciosamente toda a relação.

A relação entre Iracema e Martim é construída sobre uma profunda assimetria emocional que nasce da própria ambiguidade afetiva dele. Enquanto Iracema entrega-se inteiramente, rompendo laços com sua tribo, com sua posição sagrada e até com sua própria identidade, Martim nunca se entrega na mesma medida. Ele mantém uma duplicidade interna: carrega o passado europeu, simbolizado pela “loira dos castos afetos”, e vive no presente um amor ardente, sensual e imediato com Iracema. Essa divisão não é apenas um conflito íntimo; ela estrutura a dinâmica de poder entre os dois personagens.

Iracema ama de forma absoluta, sem reservas, porque sua cultura, sua condição de virgem tabajara e sua devoção espiritual estão vinculadas ao dom total de si mesma. Martim, por outro lado, ama de modos diferentes conforme o objeto: a mulher branca do passado é idealizada, pura, civilizada, situada num plano afetivo elevado e distante; Iracema representa o amor sensorial, a experiência tropical, o exotismo da terra nova. Essa distinção opera como uma hierarquia emocional. A mulher branca simboliza o amor legítimo, europeu, socialmente validado; Iracema é o amor vivido, mas não plenamente assumido, quase sempre condicionado às circunstâncias.

Essa ambiguidade de Martim cria um vínculo desigual, porque Iracema interpreta seus gestos como totalidade de afeto, enquanto ele fragmenta seu próprio sentimento em duas esferas que nunca se encontram. A cada manifestação de ternura, Martim não abandona o passado; ao mesmo tempo em que aceita a devoção de Iracema, não oferece garantias nem estabilidade afetiva. Essa postura produz um efeito psicológico sobre ela: insegurança, dependência emocional e a necessidade constante de merecer o amor dele.

Mais ainda: Martim se torna o centro absoluto da vida de Iracema ele se torna “a várzea onde habita o imbu”, ou seja, o espaço afetivo que determina os humores

e sentidos da jovem. Iracema reorganiza sua existência em torno dele, mas Martim continua dividido e silencioso sobre seus verdadeiros sentimentos, mantendo sempre uma distância emocional. Essa forma de relação não é explícita como violência física, mas atua como uma forma de abuso emocional porque cria um cenário em que Iracema sempre dá mais do que recebe, sempre se sacrifica mais do que ele, sempre busca corresponder ao que imagina ser o desejo do colonizador. Portanto, a ambiguidade de Martim não é neutra: ela constrói um tipo de manipulação afetiva em que ele detém poder emocional e ela, fragilizada pela entrega total, torna-se dependente de um amor que nunca será plenamente retribuído. Isso contribui para seu sofrimento final, para o esgotamento que a leva à morte e para a consolidação da narrativa como mito da fundação um mito no qual a mulher indígena sacrifica-se para que o homem europeu construa sua história.

Do ponto de vista crítico contemporâneo, esse comportamento corresponde a uma forma de manutenção de dependência emocional, em que o sujeito dominante oferece o suficiente para manter o vínculo, mas nunca o bastante para construir igualdade. Essa indefinição sistemática é uma forma de manipulação afetiva: Iracema permanece presa a um amor cuja amplitude Martim nunca confirma. “Iracema não podia voltar à taba dos tabajaras. Seu crime era irremissível. A virgem seguia o guerreiro branco pela floresta”. (Alencar, 2019, p. 25).

A citação mostra as consequências da escolha de Iracema ao entregar-se a Martim. Para seu povo, os tabajaras, ela cometeu uma falta imperdoável considerada um crime porque rompeu com as normas culturais e religiosas da tribo, especialmente ao se envolver com um estrangeiro inimigo. Por isso, ela não pode mais retornar à aldeia, ficando excluída de sua própria comunidade. Diante dessa ruptura definitiva, Iracema passa a seguir Martim pela floresta, mostrando que agora sua vida está completamente ligada ao guerreiro branco. O trecho evidencia o preço emocional e social de sua decisão e antecipa o sofrimento que a acompanhará.

Martim cria para si uma justificativa emocional que ameniza sua responsabilidade sobre o que faz com Iracema. Ele se vê como alguém dominado pelos sentimentos, e essa visão funciona como uma forma de autodefesa moral, pois permite que ele naturalize suas atitudes e minimize o peso de suas escolhas.

Assim, a citação evidencia um movimento típico de sua postura manipuladora, Martin age como se fosse arrastado pelos acontecimentos, e não como alguém que

exerce poder sobre Iracema mesmo sendo ele o homem estrangeiro, mais experiente, mais consciente e sempre em posição de vantagem na relação.

Ao dizer-se “vencido das paixões”, ele mascara a assimetria existente entre os dois e encobre o modo como utiliza seus sentimentos e sua presença para influenciar a jovem, fragilizá-la e conduzi-la a decisões que atendem prioritariamente aos seus desejos.

Dessa forma, a reflexão de Martim, que parece sincera e sensível, funciona também como um mecanismo de manipulação, porque legitima sua conduta e o isenta simbolicamente das consequências que recaem sobre Iracema. A citação revela, portanto, a face mais complexa do personagem: alguém que percebe sua própria força, mas a utiliza para justificar a fragilização emocional da protagonista, mantendo-a presa a um amor que ele mesmo não sustenta plenamente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O personagem Martim, em *Iracema*, representa o arquétipo do homem civilizador que, sob o véu do amor e da bravura, impõe uma relação de poder e domínio. A construção dessa figura masculina revela a complexa dualidade entre sentimento e conquista, ternura e imposição, amor e destruição. José de Alencar, ao compor essa relação, entrelaça o destino pessoal de *Iracema* com o destino coletivo do Brasil, fazendo do abuso simbólico vivido pela personagem uma alegoria do processo colonial.

A manipulação de Martim manifesta-se de maneira sutil, mas profunda. Ele conquista *Iracema* não apenas por meio da atração física ou do encanto espiritual, mas pela autoridade que sua figura de estrangeiro carrega. A virgem dos lábios de mel, símbolo da pureza e da natureza intocada, vê-se diante do homem que traz em si o poder do novo mundo, o discurso da fé e da civilização. Martim não precisa exigir sua simples presença já é suficiente para alterar a ordem. Assim, o amor entre os dois se estabelece em um campo de desigualdade, em que *Iracema* ama com a alma e Martim ama com a posse.

O abuso, nesse contexto, transcende o físico e se instala no plano psicológico e simbólico. *Iracema* é levada a abandonar tudo o que a define sua terra, sua cultura, seu povo e sua função sagrada como guardiã do segredo de Jurema — em nome de um amor que, em última instância, não a reconhece como igual. José de Alencar evidencia essa entrega dolorosa ao escrever que “*Iracema* amava; e o amor é a mais doce e cruel servidão” (Alencar, 2000, p. 68). O autor, de modo poético, revela a contradição do sentimento que aprisiona, a doçura que consome, a servidão que nasce do amor.

Ao seguir Martim, *Iracema* deixa de ser sujeito de sua própria história para tornar-se objeto do destino do outro. O amor que sente não a liberta, mas a aprisiona em um ciclo de dependência e sacrifício. A manipulação do português não é explícita, mas opera pelo encantamento, pelo discurso de afeto e proteção. É dessa forma que o abuso se consolida: na sutileza das palavras, na autoridade disfarçada de amor, na promessa de eternidade que se revela finitude.

A morte de *Iracema*, envolta em lirismo e ternura, é o ponto culminante dessa relação de poder. Martim chora sobre o corpo da mulher, mas suas lágrimas não representam arrependimento, e sim a melancolia do conquistador que perdeu aquilo que dominou. A morte sela a tragédia e confirma a desigualdade. O corpo de *Iracema*, agora sem vida, torna-se território definitivo da conquista portuguesa — e seu filho, Moacir, perpetua o legado de uma união marcada pela dor. O próprio

significado do nome “Moacir”, o “filho da dor”, resume a essência desse amor: fruto de uma relação em que o sentimento é atravessado pela perda, pela submissão e pelo apagamento da identidade feminina.

José de Alencar, ao idealizar a narrativa como mito de origem do povo brasileiro, constrói também a metáfora da mulher como terra conquistada. Iracema é a natureza fecunda, generosa e acolhedora, enquanto Martim é o homem que chega para explorar, transformar e dominar. O abuso, portanto, não se limita ao plano interpessoal; ele adquire uma dimensão histórica e cultural. O gesto de Martim simboliza o ato colonizador: a invasão do espaço sagrado do outro, a apropriação de sua essência e a reconfiguração de sua existência segundo os moldes do dominador.

A manipulação emocional de Martim é tão profunda que Iracema acredita agir por vontade própria, quando, na verdade, segue o caminho traçado pelo poder masculino. Seu amor é sua prisão; sua fé no estrangeiro é o instrumento de sua anulação. Assim, o romance de Alencar revela como o discurso do amor romântico pode mascarar práticas de submissão e de dominação, legitimando-as sob o pretexto da paixão e do destino.

No desfecho, Martim sobrevive, enquanto Iracema desaparece. Essa assimetria final reforça a permanência da figura masculina como símbolo de vitória e da feminina como símbolo de sacrifício. O narrador encerra a história com tom de exaltação ao nascimento de uma nova raça, mas o leitor atento percebe que esse nascimento tem como preço a morte da mulher e o silenciamento de sua voz.

Assim, a leitura crítica de Iracema permite compreender que, por trás da linguagem poética e da aura romântica, há uma estrutura narrativa que reflete as relações de poder entre homem e mulher, entre civilizador e civilizado, entre o sujeito e o objeto. Martim não apenas manipula Iracema; ele representa o sistema que transforma o amor em ferramenta de dominação.

Dessa forma, pode-se afirmar que o personagem Martim simboliza, ao mesmo tempo, o amante e o colonizador, o herói e o opressor. Sua manipulação emocional e simbólica sobre Iracema denuncia a fragilidade do ideal romântico de amor puro e revela a face sombria das relações marcadas pela desigualdade.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. **Iracema**. 3. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Kühner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

Saffioti, Heleieth I.B. **O poder do macho** / Heleieth I.B. Saffioti. – São Paulo: Moderna, 2004.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2000.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

CARVALHO, Ronald de. **Pequena história da literatura brasileira**. 9. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1953.

ASSIS, Machado de. **Carta a José de Alencar sobre Iracema**. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1866.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 42. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 1997.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. 8. ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1970.

FONTANA, Jordana. (2019). Uma análise da dominação masculina à luz da noção skinneriana de cultura.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **Prosa de ficção: de 1870 a 1920**. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)**. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Planeta, 2000.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da literatura brasileira: prosa de ficção**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.